

Fabiana Andreatta Raymundo

**ENTRE TEXTOS REFLEXIVOS E OUTRAS LINGUAGENS-
A ESCRITA DE SI COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE UMA
PROFESSORA NEURODIVERGENTE**

**OURO PRETO
2025**

Fabiana Andreata Raymundo

**ENTRE TEXTOS REFLEXIVOS E OUTRAS LINGUAGENS-
A ESCRITA DE SI COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE UMA
PROFESSORA NEURODIVERGENTE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para a obtenção do título de Especialista.

Professor orientador: DSc. Paulo Henrique Aguiar Mendes.

Ouro Preto
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R267e Raymundo, Fabiana Andreato.

Entre textos reflexivos e outras linguagens [manuscrito]: a escrita de si como prática pedagógica na formação de uma professora neurodivergente. / Fabiana Andreato Raymundo. - 2025.
16 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro Preto. Centro de Educação Aberta e a Distância.

1. Escrita - Escritas de si. 2. Sociologia educacional - Neurodivergente. 3. Práxis (Filosofia). I. Mendes, Paulo Henrique Aguiar. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
CENTRO DE EDUCACAO ABERTA E A DISTANCIA - CEAD



FOLHA DE APROVAÇÃO

Fabiana Andreato Raymundo

"ENTRE TEXTOS REFLEXIVOS E OUTRAS LINGUAGENS- A ESCRITA DE SI COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA NEURODIVERGENTE"

Monografia apresentada ao curso de Práticas Pedagógicas da Universidade federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Práticas Pedagógicas.

Aprovada em 13 de Agosto de 2025.

Membros da banca

Prof .Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes-orientador

Profa. Dra. Rita Cristina Lima Lages

Profa. Me. Beatriz Latini Gomes Neta

Prof. Dr. Solano de Souza Braga, Coordenador do Curso, aprovou a versão final e autorizou se depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Cursos da UFOP em 11/09/2025



Documento assinado eletronicamente por **Solano de Souza Braga, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/09/2025, às 09:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **0976657** e o código CRC **AF733703**.

Referência: Caso responda este Documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.011408/2025-61

SEI nº 0976657

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163

Telefone: (31)3559-1355 - www.ufop.br

RESUMO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre a prática pedagógica de uma professora neurodivergente tendo como fio condutor as escritas de si para reflexão de sua práxis. O relato apresentado aborda a minha experiência como regente de turma, enquanto pessoa com deficiência e neurodivergente, especificamente na relação com uma criança situada no espectro autista, não verbal. Tomando como reflexão teórica os autores (Nóvoa, 1995; Freire, 1996; Josso, 2004; Leite, 2019 e Romero, 2025), foi possível entender as experiências vivenciadas como escritas de si. O trabalho permitiu entender que é necessário repensar o conceito de infância e situá-lo social, histórica e geograficamente para posicionar a prática educativa no cerne dos fenômenos que a motivam. A experiência ainda permitiu aprofundar nas peculiaridades do fazer pedagógico principalmente no tocante à educação de crianças autistas.

Palavras-chave: Escritas de si; neurodivergente; práxis.

ABSTRACT

This work is an experience report on the pedagogical practice of a neurodivergent teacher, using self-writing as a guiding tool for reflecting on her praxis. It narrates my experience as a classroom teacher, while also navigating the condition of being a person with a disability and neurodivergence, particularly in my relationship with a nonverbal child on the autism spectrum. Grounded in the theoretical reflections of Nóvoa (1995), Freire (1996), Jesso (2004), Leite (2019), and Romero (2025), this work frames lived experiences as acts of self-writing. It highlights the importance of rethinking the concept of childhood and situating it within its social, historical, and geographical contexts in order to place educational practice at the core of the phenomena that shape it. This experience further provided insights into the specificities of pedagogical work, especially concerning the education of autistic children.

Keywords: Self-writing; neurodivergent; praxis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – UM CONVITE AO ENCONTRO	4
NEURODIVERGÊNCIA E DOCÊNCIA: IDENTIDADES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	6
JUSTIFICATIVA – MOTIVO PARA O ENCONTRO	7
PERCURSO FORMATIVO – A CAMINHO DO ENCONTRO	8
CONSIDERAÇÕES FINAIS – REVERBERAÇÕES DO ENCONTRO	15
REFERÊNCIAS	17

INTRODUÇÃO – UM CONVITE AO ENCONTRO

Gosto de escrever. A palavra bendita nos abre a porta do mundo do outro, ainda que este outro seja as várias versões de mim, que nesse corpo, habitam. Escrever-me é deslocar para olhar com olhos de quem vê de fora tudo aquilo que em mim habita e que também compõe a substância de minha prática pedagógica.

A escrita de si, compreendida como um exercício autobiográfico, configura-se como um potente instrumento de reflexão e autoconhecimento, especialmente no contexto da formação docente. Para Foucault (1992), a escrita de si é uma prática ancestral de cuidado de si, na qual o sujeito, ao narrar suas experiências, reelabora sentidos e reconstrói sua identidade. Trata-se de uma forma de diálogo interno e crítico que permite ao educador revisitar seu percurso de vida, reconhecendo os valores, as tensões e os desafios que moldam sua prática.

Nesse sentido, Nóvoa (1995) ressalta que a escrita autobiográfica é essencial para a construção da identidade profissional docente. Ao narrar suas experiências, o professor realiza uma mediação entre a vida pessoal e o exercício profissional, reconhecendo que a docência é atravessada por múltiplas dimensões subjetivas e sociais. Segundo o autor, "é preciso que cada professor possa tornar-se autor da sua própria formação" (NÓVOA, 1995, p. 25). Dito isso, rememoro que a academia se instalou como um árduo e fortuito caminho em busca de mim. Foi por ela e através dela que cheguei ao diagnóstico tardio de TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Essa revelação não foi apenas uma resposta para algumas questões pessoais, mas também um marco para minha jornada, agora, como pessoa com deficiência (PCD). Ao me reconhecer como neurodivergente, percebi a necessidade de uma nova forma de olhar para a minha própria história, minha prática pedagógica e a forma como me relaciono com o mundo.

A escrita de si, portanto, torna-se um caminho ético e político de autoafirmação como sujeito singular e múltiplo, especialmente no caso de professores que vivenciam trajetórias não hegemônicas, como os neurodivergentes. Ao se apropriar da própria narrativa, o professor reconfigura os modos de ser e estar no mundo, reconhecendo suas especificidades como potência pedagógica (FREIRE, 1996).

Assim, ao reconhecer-me uma Pessoa com deficiência e face ao desamparo existente tanto no universo acadêmico quanto fora dele, a escrita que já era um hábito na busca pelo autoconhecimento, fortaleceu-se.

Nesse sentido, minha docência constitui-se como lugar de um constante movimento de gerar e partear o inédito em mim. Em momentos de pausa e de reflexão entro em contato com o advir... com aquilo que de mim ainda pode nascer. Me percebo e me reconheço permeável. Por mim permeiam as falas das crianças, o espaço-tempo na escola e da escola, mas sobretudo as infâncias com as quais convivo e lido todos os dias.

A construção da identidade e dos valores docentes não ocorre de forma linear ou isolada, mas se dá a partir das múltiplas experiências vividas ao longo da trajetória pessoal e profissional. Tais experiências — familiares, escolares, afetivas e culturais — moldam o modo como o sujeito concebe a educação, o ensino e as relações em sala de aula.

Segundo Josso (2004), a experiência de vida é “fonte de saberes que estruturam nossa visão de mundo, nossas escolhas e nossas ações” (p. 12). Assim, ao recuperar suas vivências e refletir sobre elas, o professor pode compreender melhor suas práticas pedagógicas, seus princípios éticos e suas crenças educacionais. Essa reflexão permite que o docente atue com maior consciência e intencionalidade no cotidiano escolar.

Tardif (2002) também destaca que

o saber docente é, em grande medida, um saber experiencial. Para ele, os professores constroem seus saberes a partir de um processo complexo de socialização, que envolve tanto a formação inicial quanto as experiências acumuladas ao longo da vida. Dessa forma, “os saberes docentes não são apenas aprendidos, mas vividos” (TARDIF, 2002, p. 34).

Ao valorizar suas experiências, o professor se reconhece como sujeito ativo na construção do próprio percurso formativo, atribuindo sentido às aprendizagens e aos desafios enfrentados. No caso de professores neurodivergentes, esse processo pode ser ainda mais significativo, pois envolve o enfrentamento de barreiras sociais, estigmas e a busca por formas alternativas de ser e ensinar.

NEURODIVERGÊNCIA E DOCÊNCIA: IDENTIDADES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O conceito de neurodivergência emerge a partir das discussões da neurodiversidade, que defende a valorização das diferenças neurológicas como parte da diversidade humana (SINGER, 1999). Professores neurodivergentes — como autistas, disléxicos, TDAH, entre outros — trazem para a docência perspectivas singulares, que podem enriquecer as práticas pedagógicas e promover maior inclusão e empatia no ambiente escolar.

Segundo Kapp (2020), a neurodivergência não deve ser vista como um déficit, mas como uma variação natural da cognição humana. Essa visão desafia os modelos tradicionais de ensino e aprendizagem, propondo uma abordagem mais flexível e acolhedora às diferenças. Assim, professores neurodivergentes, ao refletirem sobre sua trajetória e suas formas de aprender, podem propor práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade dos estudantes.

Além disso, como aponta Leite (2019), a presença de docentes neurodivergentes no ambiente escolar pode contribuir para a desconstrução de estereótipos e para a valorização de múltiplas formas de inteligência, percepção e expressão. Essa vivência, quando narrada e refletida a partir da escrita de si, torna-se não apenas um instrumento de formação pessoal, mas também uma potente contribuição para o campo educacional.

Freire (1996), ao tratar da formação docente, afirma que ensinar exige coragem para assumir-se inacabado e disposto ao aprendizado constante. Essa postura é ainda mais necessária quando o professor se depara com as particularidades de sua neurodivergência, transformando desafios em possibilidades de reconfiguração da prática pedagógica. Dessa forma, potencializada pela minha neurodivergência e na dificuldade de encontrar interlocutores, escrever para mim se torna um caminho para a prática pedagógica em constante desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a pesquisa que estou apresentando, portanto, não busca apenas responder a questões sobre a minha prática docente, mas também entender como a escrita de si pode ser uma ferramenta poderosa para professores neurodivergentes. Como a reflexão pessoal e a prática reflexiva podem, de fato, contribuir para um processo de ensino-aprendizagem mais empático, inclusivo e verdadeiro?

Assim, o objetivo do trabalho é relatar a minha experiência como regente de turma, enquanto pessoa com deficiência e neurodivergente, especificamente na relação com uma criança situada no espectro autista, não verbal.

JUSTIFICATIVA – MOTIVO PARA O ENCONTRO

Nascida em Belo Horizonte em 1980, resido em Contagem, na região metropolitana de Minas Gerais e, no ano 2019 licenci-me em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Hoje, atuo como regente de turma, na Rede Municipal de Betim – MG.

O intuito deste trabalho é refletir os caminhos e a caminhada que até aqui me trouxeram. Para que o leitor se situe, o recorte escolhido data dos anos iniciais do Ensino Médio até os dias de hoje. Porém, ressalto que minha trajetória docente, é resultado de minhas vivências desde a infância.

Freire aponta a importância da reflexão sobre a prática na constituição da práxis pedagógica nesse sentido a escrita de si atua como instrumento de reflexão para potencialização da prática docente refletindo num fazer pedagógico estruturado e sobretudo socialmente referenciado contribuindo para a formação de cidadãos críticos. A escrita de si permite ao sujeito expressar memórias experiências e emoções sobre si mesmo e sua relação com o mundo criando repertório.

Nesta perspectiva, a reflexão sobre a minha prática atua diretamente em minha atividade docente contribuindo para o meu “saber-fazer” pedagógico, interferindo na manutenção/modificação de rotinas.

Assim, para relatar, minha ainda recente, trajetória docente inspirar-me-ei em Fábio de Melo (2010,2011) através de duas de suas obras literárias que muito me marcaram: “Tempo de Esperas” e “Cartas entre Amigos – Sobre ganhar e perder” escrita por ele e por Gabriel Chalita. Destaco que essas obras estão aqui citadas por entender que nosso repertório é formado por vivências dos mais diversos letramentos e não só o acadêmico. Como ressalta Freire, a leitura de mundo antecede a leitura da palavra.

PERCURSO FORMATIVO – A CAMINHO DO ENCONTRO

Falar de si, além de não ser fácil, é desafiador e exige coragem. Principalmente numa escrita reflexiva, quando somos convidados a revisitar o percurso, repensar práticas. No entanto, revisitar o passado é, também, resignificar.

Suas memórias são como pequenos retalhos que recuperam o viço da beleza quando postos ao lado de outros. O processo da feitura de uma colcha de retalhos é muito interessante. Requer sensibilidade para perceber os contrastes que serão bonitos quando, ao final, forem vistos no contexto do todo. (MELO, 2010 p.45).

Sempre fui afeita às metáforas, gosto da forma peculiar e lúdica que elas sempre podem assumir e, entendo meu percurso formativo como uma grande colcha de retalhos na qual cada pedacinho de tecido, é vivência. Venho de uma formação técnica/tecnológica que começou a ser construída no ano de 1996 quando terminei de cursar o primeiro ano do Ensino Médio. Nesse contexto temporal, ao terminar o primeiro ano, era possível escolher entre cursar o Científico ou um Curso Técnico. Minha vontade era fazer Magistério, mas influenciada pela família sob o argumento de que a carreira docente era onerosa e pouco remunerada, optei por fazer o Curso Técnico em Química e me formei em 1999. Trabalhei em grandes e pequenas empresas.

Com o transcorrer dos anos, no ano de 2002 comecei a cursar a faculdade de Nutrição, porém por questões financeiras fiz somente um semestre. Logo em seguida veio a doença de meu pai e os planos de uma Formação Superior foram adiados. Meu pai faleceu em 2005, ano em que também fiz um cursinho comunitário e passei no vestibular mais uma vez, porém desta para o curso de Direito. Com a morte de meu pai, optei por não cursar a faculdade e trabalhar para ajudar em casa, sempre fazendo o Exame Nacional do Ensino Médio.

Alguns anos mais tarde, em 2007, através do ENEM e do PROUNI comecei uma nova formação, desta vez a de Tecnologia em Meio Ambiente. Embora nunca tenha trabalhado nesta área, esta formação contribuiu e contribui muito para a visão de mundo que hoje tenho, pois foi com ele que aprendi a enxergar e analisar um cenário e ter uma visão holística das realidades que me cercam. E assim, no decorrer

do tempo, depois de ter saído do mercado industrial, eu continuava a trabalhar em áreas que não preenchiam.

Quando terminei essa faculdade, em 2009, trabalhava numa administradora de condomínios, como auxiliar administrativo, e por lá fiquei até o ano de 2013 momento em que comecei a trabalhar em uma empresa de representações, também na área administrativa. Tinha um bom salário, mas ainda não era feliz. Alguns anos mais tarde, em 2015, a crise econômica que assolou o país tem seu ápice e na onda das demissões, lá estava eu. “Já começou a ganhar aquele que reconhece ter perdido.” (Melo, Fábio de p. 45)

Encontrar o ganho na perda, difícil desafio. Vi-me completamente vazia e em um vazio completo. Porém, é nos grandes vazios que revoluções acontecem. Em outubro de 2015, estava prestes à começar um teste para um novo emprego, quando me peguei pensando o que estou fazendo aqui? Voltei para casa com grande angústia e em uma conversa com minha irmã quando ela me perguntou o que eu queria fazer, eu disse: ser professora!

Nesse meio tempo, eu estava inscrita no Enem e quando o resultado saiu, já em janeiro de 2016 a grata surpresa: havia tido um bom rendimento. Fiz minha inscrição no SISU, fui aprovada e assim começava meu caminho em direção à Formação Docente. Comecei então, a construir-me professora.

O fazer docente sempre sorri aos que são dispostos. Falo de disposição porque educar é um constante ato de deslocar-se na direção do outro. E assim, fui em busca de conhecimento saboreando e lambuzando-me de todas as delícias da universidade pública. Construí-me professora ao participar de projetos de pesquisa, cursar optativas, fazer estágio não obrigatório como apoio à inclusão na Rede Municipal de Contagem, e ao me inteirar da prática acadêmica embora tivesse certeza do que eu estava a construir, ainda não me sabia professora.

Foi participando da primeira turma do Residência Pedagógica de minha universidade, que me tornei sabedora, da docência que hoje exerço, da docência que desejo exercer e também da docência que não quero exercer.

Afeita às Pedagogias Participativas, onde são valorizados: criança, cotidiano e contextos, refaço meu itinerário acadêmico e percebo que, por exemplo, ao me posicionar sobre o uso ou não de E.V.A., eu já demarcava, desde lá, o território e o lugar de minha docência, aliás, melhor dizendo, da docência que exerço.

Hoje, já como docente de uma rede municipal vejo, que os desafios que me foram apontados inicialmente, pela minha família, quando eu quis cursar magistério, permanecem vívidos e gritantes e que novos desafios surgiram. E apesar do grande mal-estar que a profissão docente está inserida, sigo em deslocamento nesse itinerário formativo que é a prática pedagógica.

Seguirei com a análise de um recorte de minha prática, no ano de 2024.

RELATO DE UM ENCONTRO

Pínel

Ao escrever, foi o fio a fiar.

Que com seu fiar teceu.

E pelo quadro a deslizar, fez desse um tear.

Depois de um tropeço, seu avesso, a mim, confiar.

E

Com fiar

Confio

Com o fio a me guiar teço, no branco tear, o mais belo tecido.

Vínculo!

Nele vincados:

Acolhida

Escuta

Potência

Respeito.

Escrevi este poema para transbordar a construção da relação com uma das crianças de minha turma no ano de 2024, localizada no espectro autista e não verbal. Através da observação e prática diárias foi verificado sua predileção pelas letras e pelo ato de escrever, ação que passou a realizar com meu apoio para as suas mãos devido à distonia muscular. Assim essa poesia é fruto do vínculo que construímos.

A escrita atua como um dos fatores de mudança social tendo o educador como agente na aquisição/vivência desse processo. Assim, me pergunto: quais são os maiores desafios que acredito que os educadores enfrentam ao tentarem ser agentes de mudança social?

Desde 2022 trabalho numa escola da rede municipal de Betim, região metropolitana de Belo Horizonte, como regente de turma. Desses anos de atuação, o ano de 2024 foi o primeiro em que tive crianças PCD's em sala de aula.

A turma era composta por 26 crianças e dessas 3 possuem laudo, a saber:

- Uma criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA);
- Uma criança com Síndrome de Down;
- Uma criança com baixa visão.

Nesse contexto, destaco a importância do entendimento da criança como ator social, independentemente de sua condição física ou psíquica, com direitos e deveres e, portanto, produtora de história e cultura. Porém, quando se trata de crianças PCD's além das muitas camadas a serem ultrapassadas é necessária também a quebra de paradigmas.

Adotar práticas inclusivas está além de produzir atividades adaptadas, que na maioria das vezes são cópias de matrizes estereotipadas utilizadas nas E.I. (Educação Infantil). Prática essa muito difundida pelas demais regentes da escola. Nesse sentido, em contraponto, cabe ressaltar que busco estabelecer com a turma práticas colaborativas, fortalecendo o entendimento de que somos um coletivo. Tendo isso estabelecido, fundamentada pelas pedagogias participativas, amparo-me nos seguintes pilares:

- Acolhimento das diferenças;
- Escuta;
- Reconhecimento do potencial de cada criança;
- Respeito.

A partir da construção diária, com foco na autonomia das crianças e entendimento de suas necessidades, vamos construindo vitórias como: permanência em sala, desenvolvimento cognitivo e motor, etc.

Desde aquele dia a blusa, rasgada pela mordida, permanece intocada. O que não aconteceu, com o espaço do nosso encontro...

A proposta para L. era de ter um tempo direcionado a ela. Estabeleci então, um tempo de 15 minutos após o recreio de atenção direcionada. Neste tempo, eu colocava uma música suave, íamos para o quadro treinávamos a escrita de seu nome. Afinal, em turmas de alfabetização, especificamente 1º ano do ensino fundamental é assim que começamos.

Num desses dias, L. desregulou-se e tentou me morder, neste momento, olhei em seus olhos e eles sentiam raiva. Naquele dia, aquele olhar foi motivo de reflexão em minha volta para casa. No dia seguinte durante o tempo de atenção direcionada não escrevi seu nome. Perguntei a ela, não por escrito, mas oralmente, o que ela iria me contar naquele dia, e para a minha surpresa, com o meu auxílio, pois, L. não tinha força para sustentar o lápis e, para o meu espanto, L. escreveu:

Raiva.

Nós que utilizamos a fala como meio de comunicação, partimos do pressuposto ser este o único. Por isso tamanha foi a minha surpresa. Principalmente quando se tem o diagnóstico de deficiência intelectual, como L. Precisava de alguma forma, confirmar essa escrita. Então, ainda oralmente, propus uma brincadeira onde, sem dizer nada eu mostrava os meus pincéis para quadro branco e L. com minha ajuda deveria escrever o nome das cores. L. escreveu o nome de cada cor que mostrei. Durante sua escrita L., com seu gestual e seu olhar conferia e posteriormente editava o que escreveu se fosse preciso. Constatei: L. é alfabetizada.

Deste dia em diante, para o momento de atenção direcionada, fiz algumas adaptações por identificar que, o que L. precisava, naquele momento, era um outro tipo de vivência. Este seria agora, um momento de diálogo. E adaptações foram:

1. Passei a utilizar um caderno para dialogar com L.
2. Como ponto de partida, escrevia a pergunta: O que você vai me contar hoje?

E dessa forma, L. me contava acontecimentos de seu dia, suas felicidades e seus medos também.

Em contrapartida, realizei uma reunião com a família para informar que L. era capaz de se comunicar pela escrita, recomendei a família a antecipar para L., de forma escrita, toda e qualquer alteração em sua rotina. E assim a família o fez e os resultados não demoraram a aparecer. A comunicação, que era um obstáculo, passou a ser mais efetiva através da escrita e por estar se comunicando L. passou a inclusive, se regular melhor.

Diante do exposto, Zavalloni destaca que “é professor aquele que sabe cria vínculos”. Tendo em vista o contexto que estou inserida, antes de responder, quais são os maiores desafios que acredito que os educadores enfrentam ao tentarem ser agentes de mudança social? Me faço o seguinte questionamento: Os educadores, verdadeiramente, querem ser esses agentes de mudança social?

Pergunto, porque após observar, o cotidiano escolar em que atuo o que percebo é a reprodução de práticas ultrapassadas e descontextualizadas, quando essas acontecem, visto que a maioria das vezes as crianças PCD's apenas figuram no ambiente escolar.

Dito isso, dentre os desafios enfrentados pelos educadores que realmente querem

ser agentes de mudança social o maior deles é o entendimento de que a criança PCD, assim como as outras, também são atores sociais, somente através desse entendimento, a criança PCD passará do lugar de figuração ao lugar do protagonismo, entendo ser esse o maior desafio, pois está inerente às condições de trabalho oferecidas, ou à disponibilidade dos assistentes de apoio pedagógico bem como sua capacitação adequada, visto que hoje a prática inclusiva se assemelha a um “jogo” de tentativa e erro. Aquele desafio assume destaque, porque sua superação depende, única e exclusivamente, de um deslocamento do olhar do docente para a criança que ali está.

Antes de pensar em adaptar as atividades escolares, pensar em como a criança se entende no espaço escolar.

Para Zavalloni, 2023,

“crescer educacionalmente requer criar relações, perder tempo, comunicar com os gestos, com as palavras, com os olhares, observar temperamentos, os sabores, os cheiros, as emoções, usar as mãos, o sorriso, o coração, o tempo.” (ZAVALLONI, 2023 p. 113)

Neste sentido, perguntar-se quais são os interesses da criança, os desejos sob os quais está forjada, é essencial para que se crie laços e através desses laços seja possível estabelecer os vínculos necessários para que o crescimento educacional ocorra, de fato.

Todos têm uma história para contar. Esse relato é sobre minha formação enquanto educadora e o processo de refletir minha prática, mas é sobretudo, sobre um encontro que aconteceu, porque olhei devagar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – REVERBERAÇÕES DO ENCONTRO

“Escrever sobre o que se faz, sobre o que se pensa e sobre o que se acredita pode parecer difícil, entretanto, abrir o caminho para uma reflexão coerente entre o fazer, o sentir e o pensar é uma estratégia importante para se conhecer e se reconhecer profissionalmente.” (Romero, Tais.2025, p.76)

A epígrafe que abre as considerações finais desse trabalho, dialoga intimamente com o fio condutor desse relato que foi evidenciar o quanto as escritas de si contribuem para um saber-fazer reflexivo.

Ao longo dessa jornada, compreendi que a escrita de si não é apenas uma prática de autoconhecimento, mas uma ferramenta poderosa para a transformação da prática pedagógica. Ela me permitiu, não só traçar um caminho para o entendimento de minha própria identidade, mas também moldar um fazer pedagógico mais inclusivo, sensível e atento às necessidades das crianças com as quais atuo. O TEA traz uma perspectiva ampla e diferente do mundo. Assim, minha prática docente, permeada pela neurodivergência, é um convite constante à reflexão, à construção de vínculos e à criação de um espaço de aprendizado que respeite e acolha todas as diferenças.

O percurso formativo mostrou que para ser uma educadora protagonista, é necessário antes, ser uma educadora transmissiva em desconstrução. Esse processo perpassa, necessariamente, pelo resgate da trajetória de vida enquanto mulher, estudante e profissional e deve, portanto, ter imbricação com a valorização de sua identidade.

Face às reflexões sobre o processo educativo, e entendo que cada criança pode ser compreendida como uma ilha imersa em um oceano de possibilidades, cujas águas não se mantêm inertes perante a “correnteza periférica”. Por correnteza periférica, entendem-se todos os cardumes de desigualdades e disparidades que arrastam crianças, sobretudo aquelas cujos arquipélagos estão mais distantes do continente. Tal analogia evidencia que, quanto mais afastada do continente está a ilha, mais intensa se torna a correnteza.

Educar, nesse sentido, implica observar essa ilha a partir dos “3 R’s” da investigação, sobretudo no campo científico e educacional:

A reverência que se refere a olhar para a criança e desenvolvê-lo, porém, não com uma admiração potencial que prescinde de questionamentos ou os trata de forma

superficial. Trata-se, antes, de uma “admiração cinética”, que instiga, entrelaça e implica profundidade naquilo que se questiona, nas potencialidades e especificidades encontradas e, conseqüentemente, no que se responde.

O respeito que consiste em compreender que a Educação não é palpável nem exata. Por isso, é preciso contemplá-la em suas minúcias, permitindo-se admirá-la. Etimologicamente, “admirar” significa “espantar-se”, e é nesse espanto que reside o combustível necessário para aproximar-se verdadeiramente do educando.

E o respaldo que representa a necessidade de estar amparado por um arcabouço robusto e inclusivo, que permeie as múltiplas camadas da pesquisa-ação em educação, referenciada socialmente.

Dessa forma, ao educar, lidamos com matéria e substância, sujeito e implicações. Nessa perspectiva, repensar o conceito de infância e situá-lo social, histórica e geograficamente significa, portanto, posicionar a prática educativa no cerne dos fenômenos que a motivam. O caminho percorrido até aqui, foi de extrema importância nesse entendimento.

Por fim, para uma possível continuidade encontro a necessidade de discutir a neurodiversidade docente nos anos iniciais da educação básica, reconhecendo que o estado da arte é ainda incipiente nessa direção.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Tecnologias do eu*. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

KAPP, Steven M. (Org.). *Autistic Community and the Neurodiversity Movement: Stories from the Frontline*. Singapore: Palgrave Macmillan, 2020.

LEITE, Ana Carolina. *Neurodivergência e Educação: por uma pedagogia da diferença*. Revista Brasileira de Educação, v. 24, 2019.

MELO, Fábio de. Cartas entre amigos sobre ganhar e perder/Fábio de Melo e Gabriel Chalita. – São Paulo: Globo, 2010.

MELO, Fábio de. Tempo de Esperas: o itinerário de um florescer humano. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

ROMERO, Taís. *Escritas de si para aprender a escutar –Registros do chão da escola*. São Paulo: Phorte, 2025.

SINGER, Judy. *Why can't you be normal for once in your life? From a "problem with no name" to the emergence of a new category of difference*. In: Corker, Mairian; French, Sally. *Disability Discourse*. London: Open University Press, 1999.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZAVALLONI, Gianfranco. A pedagogia do caracol: por uma escola lenta e não violenta/Gianfranco Zavalloni; coordenação Margareth Brandini Park, Renata Holmuth Motta; tradução Renata Holmuth Motta. – 1 ed., 3. Reimpr.: Adonis 2023.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Centro de Educação Aberta e a Distância



Declaração de Legitimidade do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas

DECLARAÇÃO

Eu, Fabiana Andreata Raymundo matrícula 2024.10411 regularmente matriculado (a) no Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas, na modalidade a distância, do Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), declaro a quem possa interessar e para os devidos fins que:

- a- Sou o (a) legítimo (a) autor (a) do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado: **ENTRE TEXTOS REFLEXIVOS E OUTRAS LINGUAGENS - A ESCRITA DE SI COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA NEURODIVERGENTE**
- b- Respeitei a legislação vigente de direitos autorais, em especial citando sempre as fontes às quais recorri para transcrever ou adaptar textos produzidos por terceiros.
- c- Estou ciente de que toda e qualquer referência bibliográfica contida no corpo de texto foi utilizada para o enriquecimento e complementação das ideias e argumentos apresentados no presente trabalho de conclusão de curso, o que torna o texto inédito, fruto apenas das minhas palavras e criações.

Declaro estar ciente das implicações administrativas atinentes ao presente Trabalho de Conclusão de Curso, que no caso de ser apurada a falsidade das declarações acima, o TCC será considerado nulo e terei que cursar a reoferta da disciplina Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso.

Por ser verdade, firmo a presente declaração.

Ouro Preto, MG.

13/08/2025.



Documento assinado digitalmente

FABIANA ANDREATA RAYMUNDO

Data: 02/09/2025 21:14:00-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>